

TEMA 3 - UMA CASA PARA A FAMÍLIA E PARA A AMIZADE

II - Memórias da juventude

(gravação áudio)

Nome: *As pequenas memórias*, de José Saramago

Fonte: gravação própria **Duração:** 3'12

Tipologia textual base: texto literário (autobiográfico) – memórias

Situação comunicativa: oral planeado (leitura oralizada de excerto de texto narrativo)

Temas/ conteúdos: recordações da juventude – relações afetivas e descobertas pessoais marcantes (namoro, amizade, escrita de poesia)

Objetivos:

- . apreender vocabulário
- . reter e recuperar informação
- . extrair as ideias principais
- . detetar valores simbólico-afetivos

Propostas de abordagem:

. elicitação de sentidos interpretativos da pintura “Auto-retrato”, de José Tagarro (1929) (motivo apresentado - um pintor que se olha ao espelho para se autorretratar numa tela, olhando simultaneamente para nós); formas de a pessoa se autoconhecer ou se dar a conhecer pela arte (pintura, escultura, desenho, géneros textuais autobiográficos)

. elicitação de sentidos interpretativos da quadra do excerto

. definição da tarefa a acompanhar a 1.ª audição (texto lacunar)

. 2.ª audição para registo orientado de informação, individualmente (preenchimento de um quadro), seguido de troca de impressões (pares) para completamento das respostas

. identificação e análise de duas ou três passagens que tenham suscitado mais dificuldades durante a audição, indicadas pelos alunos ou pelo professor

. análise da quadra que encerra o texto (com projeção ou registo no quadro) ao nível sintático e da colocação de clíticos

. distribuição da transcrição do excerto ouvido, para promover a construção autónoma de um glossário

PRÉ-AUDIÇÃO

AUDIÇÃO

PÓS-AUDIÇÃO

Transcrição do excerto

Daquela mesma varanda, tempos mais tarde, namorei uma rapariga de nome Deolinda, mais velha do que eu três ou quatro anos, que morava num prédio de uma rua paralela, a Travessa do Calado, cujas traseiras davam para as da minha casa. Há que esclarecer que namoro, o que então se chamava namoro, dos de requerimento formal e promessas mais ou menos para durar (“A menina quer namorar comigo?”, “Pois sim, se são boas as suas intenções”) nunca o chegou a ser. (...) Ela era muito bonita, de rostinho redondo, mas, para meu desprazer, tinha os dentes estragados, e, além do mais, deveria pensar que eu era demasiado jovem para empenhar comigo os seus sentimentos. (...) Em certa altura desisti da empresa. Ela tinha o apelido de Bacalhau, e eu, pelos vistos já sensível aos sons e aos sentidos das palavras, não queria que mulher minha fosse pela vida carregando com o nome de Deolinda Bacalhau Saramago. (...)

No lado direito do mesmo andar (ainda não saímos da Rua Padre Sena Freitas) morava uma família composta de marido e mulher, mais o filho de ambos. Ele era pintor numa fábrica de cerâmica, a Viúva Lamego, ali ao Intendente. A mulher era espanhola, não sei de que parte de Espanha, chamava-se Carmen, e o filho, um garotito loiro, teria, por esta altura, uns três anos (é assim que eu o recordo, como se nunca tivesse crescido durante o tempo que ali vivemos). Éramos bons amigos, esse pintor e eu, o que deverá parecer surpreendente, uma vez que se tratava de um adulto, com uma profissão fora do comum no meu minúsculo mundo de relações, enquanto eu não passava de um adolescente desajeitado, cheio de dúvidas e certezas, mas tão pouco consciente de umas como das outras. O apelido dele era Chaves, do nome próprio não me lembro, ou nunca o cheguei a saber, para mim foi sempre, e apenas, o Senhor Chaves. Para adiantar trabalho ou talvez para cobrar horas extraordinárias, ele fazia serão em casa, e era nessas alturas que eu o ia visitar. (...) Eu gostava de o ver pintar os barros, cobertos de vidro por fundir, com uma tinta quase cinzenta que, depois da cozedura, se transformaria no conhecido tom azul deste tipo de cerâmica. Enquanto as flores, as volutas, os arabescos, os encordoados iam aparecendo sob os pincéis, conversávamos. (...)

Um dia levei-lhe uma quadra ao jeito popular que ele pintou num pratinho em forma de coração e cuja destinatária seria a Ilda Reis, a quem começara a namorar. Se a memória não me falha, terá sido esta a minha primeira “composição poética”, um tanto tardia, diga-se em abono da verdade, se pensarmos que eu ia a caminho dos dezoito anos, se não os havia cumprido já. Fui felicíssimo pelo amigo Chaves, que era de opinião que deveria apresentar-me a uns jogos florais, esses deliciosos certames poéticos, então muito em voga, que só a ingenuidade salvava do ridículo. O produto do meu estro rezava assim: “Cautela, que ninguém ouça / O segredo que te digo: / Dou-te um coração de louça / Porque o meu anda contigo.” Reconheça-se que eu teria merecido, pelo menos, a violeta de prata...

José Saramago (2006). *As pequenas memórias*. Lisboa: Caminho. pp. 46-47, 52-54.

ATIVIDADES

1. Ouça o primeiro excerto do texto e preencha os espaços com a palavra ou palavras em falta.

Um dia levei-lhe uma quadra ao _____ popular que ele pintou num pratinho _____ de coração e cuja destinatária seria a Ilda Reis, _____ começara a namorar. Se a memória não me _____, terá sido esta a minha primeira “composição poética”, _____ tardia, diga-se em abono da verdade, se _____ que eu ia a caminho dos dezoito anos, se não os havia _____. Fui felicadíssimo pelo amigo Chaves, que era de _____ que deveria _____ a uns jogos florais, esses deliciosos certames poéticos, então muito _____, que só a ingenuidade salvava do _____. O produto do meu estro rezava assim: “_____, que ninguém ouça / O segredo que te _____: / Dou-te um coração de louça / Porque _____ anda contigo.”

2. Ouça o texto na totalidade e registe as informações solicitadas.

A primeira namorada	
O nome da rua	
Os vizinhos do lado direito do andar	

<p>As descobertas do autor</p>	
---------------------------------------	--

2.1. Troque impressões com o colega e anote no seu caderno as informações que acrescentou.